

1. “Como você está bem!: discursos, envelhecimento e representações multimodais”, in Neyla G. Pardo A.; Denize E. Garcia; Teresa Oteiza S e Maria C. Asquita C. (organizadoras) *Estudios del Discurso en América Latina – Homenaje a Anamaría Harvey*. Bogota: Asociación latinoamericana de Estudios del Discurso (ALED), 2013: pp. 551-564. ISBN 978-958-46-3165-7.

“Como você está bem!”: Discursos, Envelhecimento e Representações Multimodais

Carmen Rosa Caldas-Coulthard
Universidade Federal de Santa Catarina
Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Centro de Comunicação e Expressão
Caixa Postal 5211, CEP 88040-970 Florianópolis-SC
Brasil
carmen.rosa@ufsc.br

Meus pensamentos estão com minha grande amiga
Ana Maria Harvey que nos deixou antes da hora.
Compartilhamos grandes momentos acadêmicos
e de amizade, jamais esquecidos.
Muitas saudades.

Resumo

Noções de envelhecimento em sociedade são inseparáveis de questões de gênero e sexualidade. Afetadas por

mudanças sociais e culturais na sociedade consumista pós-moderna, o corpo feminino se torna, a medida que envelhece, o foco principal de discursos persuasivos e normativos de como ‘aparecer’ melhor, e de como ‘estar sempre jovem’. Mulheres, portanto, são o alvo de processos intervencionistas de reestetização, já que são pressionadas e até coagidas a entrar em processos de transformação corporal (seja magra, seja jovem, e portanto, nunca envelheça). Estas transformações impostas podem eventualmente afetar seus estados de saúde e bem estar.

Neste capítulo, examinarei, usando o instrumental teórico da Semiótica Social e Visual, da Análise Crítica do Discurso, de Corpus, como imagens e textos podem produzir efeitos avaliativos que influenciam comportamentos e atitudes em relação ao processo do envelhecimento feminino. Meus dados principais provem dos discursos da mídia e de narrativas pessoais.

Na pesquisa linguística e discursiva atual, muito pouco tem sido investigado sobre a díade envelhecimento/gênero e sobre as representações semióticas relacionadas à mulheres e aos homens em seus diferentes estágios de vida. Este trabalho tem por finalidade preencher esta lacuna já que o envelhecimento é fundamentalmente um processo de gênero.

Meu objetivo principal portanto é o de examinar a representação conflitante de mulheres enquanto envelhecem numa sociedade que valoriza a juventude e menospreza, discrimina e exclui pessoas ‘de uma certa idade’.

Meu objetivo específico é o de discutir como o fenômeno da representação do envelhecimento (tanto verbal como visual) constrói estereótipos sociais, produzindo uma consequente repercussão na sociedade em geral.

Minha conclusão é a de que o corpo feminino continua a ser representado em discursos discriminatórios de poder e dominação onde o inevitável processo do envelhecimento é acobertado por pressões consumistas para se estar sempre

jovem e bela.

Abstract

In society, notions of ‘ageing’ are inseparable, from questions of gender and sexuality. Affected by social and cultural changes in post-modern consumerist societies, the female body becomes, as it ages, the main focus of persuasive and normative discourses of how to ‘look better’, and how to ‘stay forever young’. Women, therefore, are the targets of interventionist process of re-aesthetization, since they are pressured and even coerced into processes of body transformation (be thin, be young, never get old). These impositions can eventually affect their health and wellbeing.

In this chapter, using Social and Visual Semiotics, Critical Discourse Analysis and Corpus Linguistics tools, I will examine how images and texts can produce evaluative effects that can influence behaviour and attitudes in relation to the female ageing process. My main data come from discourses of the media and personal narratives.

In current linguistic and discursive research, very few studies have investigated the dyad age/gender and the semiotic representations related to women and men in their different stages of life. My main aim is to fill this gap, since the process of ‘getting old’ is fundamentally a gendered process.

My general objective is therefore to examine the conflicting representation of women while they age in a society that values youth and disregards, discriminates and excludes people of ‘a certain age’.

My specific objective is to discuss how the representation of ‘getting old’ (verbal as well as visual) construes social stereotypes through semiotic resources and their consequent social outcomes.

In my conclusion, I will claim that the female body is still represented in discourses of power and domination – the

struggle against becoming old by trying to continue to look young and beautiful.

Introdução¹

Uma prática social indisputável no Brasil é a cirurgia plástica. A maioria de minhas amigas, mulheres de classe média, profissionais de uma ‘certa idade’ mas ainda orgulhosas de suas aparências e corpos, já se submeteram a algum tipo de cirurgia plástica.

Esta prática me faz questionar por que mulheres, sob a pressão de juventude eterna sentem a necessidade de manipular seus corpos e por que a aparência externa é tão importante para seus estados de bem estar. As pessoas brasileiras são orgulhosas de serem elegantes, bonitas e bem vestidas. Então me pergunto:

- O que acontece com suas identidades quando confrontadas com a questão do envelhecimento?
- Qual o preço que pagam para resistir o processo de envelhecimento?
- Que tipos de manipulação e transformação corporal são submetidas e o que na verdade significam?
- Que ideologias estão sendo articuladas através de seus corpos?

E ainda o mais importante para uma estudiosa de discursos e representações semióticas:

- como mulheres ‘de uma certa idade’ são representadas, classificadas e também discriminadas (por serem velhas) em discursos públicos, principalmente nos discursos da mídia?

Estas foram as primeiras perguntas que me levaram a começar a pesquisar o papel da representação do corpo em relação ao envelhecimento. Para esta pesquisa, ainda em progresso, o enfoque tem sido multimodal em todos os sentidos: examinei imagens, textos, a internet assim como os discursos que permeiam as práticas de cirurgia plástica, a mídia popular e a propaganda.

Analistas de discurso sabem que textos ‘fazem’ trabalho ideológico e produzem efeitos na sociedade, já que em regimes semióticos, práticas semióticas são regulamentadas em contextos específicos. Daí a importância de se examinar uma variedade de fontes para se entender esses regimes.

Neste capítulo, examinarei como textos mediáticos e suas imagens podem produzir efeitos classificatórios e portanto avaliativos que influenciam comportamentos, atitudes e práticas em relação ao corpo feminino e ao envelhecimento.

Uso evidência linguística aplicando o instrumental teórico da semiótica visual para exemplificar alguns destes argumentos. Este estudo também se insere nos Estudos de Análise Crítica do Discurso e dos Estudos de Gênero já que estas teorias postulam que modos semióticos criam, codificam pontos de vista específicos e perpetuam desigualdades de poder. Mas como observa Trew² “todos os fatos são passíveis de interpretação”, (1979: 95). Minha hipótese (e minha interpretação) são que discursos sobre ‘estilos de vida’ legitimam o preconceito contras mulheres em estágios de envelhecimento e que a consequência imediata deste preconceito é a maior valorização de práticas associados à juventude.

É fato conhecido (e do senso comum, aceitos pela sociedade em geral) que a construção de identidades de atores/as sociais mais velhos/as tende a ser mais problematizada para mulheres do que para homens – mulheres, por exemplo são nomeadas negativamente – ‘coroa, velha, feia’ enquanto que homens podem ser nomeados como ‘distintos’ (por terem cabelos brancos!). Em discurso, pessoas são identificadas não somente por serem quem são, mas também pelo que fazem (seus trabalhos, seu tempo de lazer, seus padrões de consumo ou em outras palavras, seus estilos de vida) e acima de tudo, por sua aparência física. Em tempos

pós-modernistas, o corpo feminino ainda continua a ser representado em discursos de poder e dominação através de pressões impostas pela sociedade que não dá valor às mulheres por suas qualidades intelectuais, éticas ou morais, mas simplesmente por sua aparência externa. E estes são discursos que temos que desconstruir como analistas críticas.

A questão de envelhecimento

De acordo com Mike Hepworth (2003: 89), “a grande narrativa do envelhecimento humano nas sociedades ocidentais é biomédica e os modos biomédicos de envelhecimento são essencialmente modelos reducionistas de declínio”. Hepworth sugere no entanto que argumentos sobre a associação essencialmente natural ou biomédica do envelhecimento com o inevitável declínio são amplamente contestados por sociologistas. Ao propor uma conceitualização alternativa ao declínio, estes estudiosos não negam que o envelhecimento é um processo de mudança biológica, mas querem “chamar a atenção para as implicações sociais e pessoais da maneira pela qual significados de mudança biológica como declínio são construídas culturalmente e interpretadas em discursos” (ibid.). A conscientização de se tornar velhas/os numa sociedade que associa envelhecimento com declínio gera ansiedades

consideráveis. Algumas críticas radicais do modelo do declínio, especialmente Margaret Gullette (1997) apresentada por Hepworth, clamam pelo “princípio cíclico evolucionário em cada espécie – um processo biologicamente determinado de regeneração e renovação contínua” (ibid: 93). Gullette sugere ainda que o envelhecimento como declínio é culturalmente construído. Ela levanta a pergunta fundamental sobre os limites entre as diferentes idades e como essas idades são representadas em discursos. Como ela salienta, o envelhecimento é uma condição universal e diversa, e no entanto, incerta. O problema de se definir o envelhecimento ou simplesmente ‘idade’ pode ser expresso em termos da pergunta de como se delimita os estágios da vida, já que esses estágios estão profundamente associados a normas culturais através de metáforas espaciais – *entra-se* na adolescência ou na velhice. Esta prática discursiva sugere que a idade madura ou mesmo a infância ou adolescência são conceitualizadas como uma condição física que tem *uma saída* (da primeira infância, por exemplo) e *uma entrada* – um estado finito do ser físico, corporificado tanto no tempo como no espaço.

A entrada (na velhice) é uma metáfora estrutural e espacial que gera uma orientação psicológica específica que inclui uma série de emoções

negativas como arrependimento, sentimento de perda, do tempo ter passado e da vida estar chegando ao fim. (Hepworth, 2003: 94).

Neste contexto culturalmente prescrito, ‘uma certa idade’, especialmente para mulheres, é um período convencionalizado como a entrada na velhice. Neste período na realidade incerto, é considerado norma para indivíduos se tornarem preocupados com o corpo que envelhece.

A maioria de discursos públicos que se refere a pessoas de meia-idade tende a apoiar a narrativa do declínio e suas associações negativas. Exemplosⁱⁱⁱ do British National Corpus mostram claramente uma prosódia semântica negativa em relação a ‘envelhecer’, ‘idade velha’, ‘envelhecendo’ e ‘de uma certa idade’.

Concordâncias da palavra AGEING

- the feeling of being *invisible and diminished* that is our worst fear about ageing
- possess the freshness of youth or whether you are reflecting *fatigue* or the signs of ageing
- this *fear and anxiety* about ageing and our future elderly selves is probably common to us all
- the external signs of ageing as at different points eyesight *blurred, menstruation ceased, hair and teeth fell*

Concordâncias da palavra OLD AGE

- Even genius *disappeared* in old age.
- more than anything else, *loneliness* in old age must be the hardest thing to bear
- it is *the loss of strength* associated with old age that has permitted
- experiencing *vulnerability* in old age

Concordâncias da expressão GETTING OLD

- he is terribly *concerned* about getting old
- he is getting old and Isis noticed that he was *slobbering*
- it is *terrible* to be getting old and *forgetful*
- when asked what caused his *melancholy* he would refer to his *dread* of getting old
- Sixteen, I'll be sixteen this year, *oh god*, I am getting old

Concordâncias da expressão A CERTAIN AGE

- after a certain age, the outlook is *bleak*
- She was of a certain age, so maybe *her painting days*

were over.

- That's something you find – after a certain age, *people stop photographing you.*
- That may appeal to an audience of a certain age, but *it is a pretty foggy vision*

Por causa da narrativa do declínio, constante na maioria dos discursos da mídia como a evidência do British National Corpus (em textos da mídia) demonstra, estamos cercados por avaliações negativas sobre o envelhecer e o envelhecimento.

Recursos Avaliativos

A avaliação semiótica categoriza e classifica pessoas, coisas e ações que podem ser positivas ou negativas, boas ou ruins. Isto é feito através de modos semióticos de expressão, tais como a linguagem ou outros recursos semióticos visuais. “A avaliação é uma parte intrinsecamente ligada a maneiras que seres humanos se orientam em relação a seu mundo, dando-lhe forma e significado” (Kiernam, 2008: 112). Como Volosinov (1986) sugere, os sistemas semióticos são sempre sistemas de avaliação. Para ele,

Todo o signo é sujeito a critérios de avaliação

ideológica. O campo da ideologia coincide com o campo dos signos. Eles se igualam uns com os outros. Sempre que há um signo, a ideologia está presente. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. (1986: 10).

Martin e White (2005) em sua detalhada descrição do sistema linguístico da ‘avaliação’ – ‘appraisal’ (‘valoração’, como algumas linguístas preferem em Português) e atitude, nomeiam as maneiras pelas quais acessamos o mundo ao nosso redor como ‘posição avaliativa’ (evaluative stance). Uma das principais funções da linguagem avaliativa, de acordo com os autores, é procedimental ou comportamental, em outras palavras, “usamos a linguagem para atribuir valores de ‘elogiar’ ou de ‘criticar’, significados pelos quais escritores/as ou falantes indicam uma avaliação positiva ou negativa de pessoas, lugares, coisas, eventos ou estados de coisas’ (White, 2001).

Para Martin e White (2005), há três tipos de atitude: **afeto**, que é a avaliação que indica estados emocionais (gostos ou desgostos, por exemplo – *Eu adoro mulheres de uma certa idade*); **juízo**, que é a avaliação do comportamento humano em relação à regra, aceitação social, sistema de ética, legalidade, etiqueta, e normas sociais (*mulheres de uma certa idade são muito barulhentas*); e finalmente, **apreciação**, que é

a avaliação de artefatos assim como indivíduos (*mulheres de uma certa idade tem uma aparência maravilhosa*). É através destes sistemas de avaliação, especialmente através de **juízo** e **apreciação estética** que o processo de envelhecimento é representado, e na maioria das vezes, quero arguir, negativamente.

Um exemplo constante de atitude negativa contra a idade foi a discussão na mídia britânica do filme “Sex in the City”, lançado em Londres em maio de 2008. O tópico de discussão mais importante, de acordo como o jornal *The Guardian* (29.05.08) não foi o mérito do filme, mas quão ‘repulsiva’ estava a atriz Sarah Jessica Parker. O crítico de cinema do jornal *The Daily Telegraph* (27.05.2008) decretou que a atriz ‘parecia um travesti esquelético’, enquanto que Piers Morgan, outro crítico, a nomeou de ‘horrorosa’, dizendo: ‘Já vi bêbados de melhor aparência sobe os arcos da estação de trem *Charing Cross*’ (lugar famoso em Londres por prostituição). A apreciação negativa era que as mulheres do filme “estavam envelhecendo” (*Daily Telegraph*, *ibid.*). O tablóide *Daily Mail* também apresentou apreciação linguística altamente negativa misturada com sanção social:

‘enrugada e com um grande joanete, com pés de 43 anos, usando uma mini saia nesta idade decrépita é só *desespero!*’

Quando escritores (geralmente homens) dizem que “Madona está linda aos 49 anos”, o que querem dizer implicitamente é que Madona NÃO está linda aos 49 anos. O mesmo acontece quando ouvimos a famosa frase: “Como você está bem!” significando na verdade, como você envelheceu!

Em todos esses exemplos, a apreciação convencional é evocada (avaliação não explícita, de acordo com White, 2001). A partir dos 40 anos, seria sempre melhor estar mais jovem. Ter 40, 50 ou 60 anos é sempre ruim.

A maneira que a imprensa representa celebridades de ‘uma certa idade’ através de imagens segue os mesmos parâmetros. Sob uma perspectiva multimodal, imagens, assim como adjetivos, avaliam substantivos e também apresentam um potencial de transmitir uma ‘posição avaliativa’ (stance) adicionando desta forma, avaliação à representação semiótica. Ao usar os recursos multimodais de fotografia, repórteres, especialmente na mídia popular, constroem, através de escolhas específicas, a maneira pela qual as pessoas são apresentadas. Na verdade, o resultado é uma visão particular desta pessoa, já que cenários, espaços e atributos são sempre criados por produtores/as de imagens.

Kress e Van Leeuwen (2001) sugerem que em certos

casos, a representação visual é de fato ‘mais verdadeira’ que outras representações. Os autores chamem isto de ‘orientação de código’ que tem a ver com o sistema de modalidade. Imagens podem representar uma pessoa, um coisa ou um espaço de acordo com uma escala de ‘pode parecer assim’, ou ‘parece assim’. Isto é feito através da escolha de cores, distância, foco e vetores. No entanto, um fotógrafo tende a nos fazer crer que o que vemos é a realidade e portanto, mais digna de crédito.

Kress e Van Leeuwen (1996) aplicam a teoria das funções da fala de Halliday (1978) em imagens, desenvolvendo portanto a teoria original hallidayana. Para Halliday (ibid.) participantes em conversa usam um sistema de troca de significados, que correspondem as funções de ‘oferecer’ ou ‘requisitar’ algo, através de suas escolhas linguísticas. Para Kress e Van Leeuwen (1996) esta troca de turnos também pode ser realizada visualmente. O sistema do ‘olhar’ (*gaze*) usado entre participantes, marca a interação (um ‘visor’ - quem olha para uma imagem interagindo com quem produz esta imagem). Se a pessoa representada na imagem tem seu olhar dirigido para quem olha esta imagem, a imagem realiza uma ‘interpelação’ – o olhar na imagem ‘interpela’ algo do visor. Se este olhar não estiver presente, a imagem é então uma ‘oferta’ –

“oferece ao visor um item de informação, um objeto de contemplação, impessoalmente, como se fosse um espécime num armário de exposição”. (Kress e Van Leeuwen, *ibid.*: 124)

A famosa atriz americana Sharon Stone, por exemplo, é descrita como a “Envelhecida tentadora de Hollywood, Sharon Stone” (*Sunday Times Magazine*, 9/06/08):



Fig. 1

Na foto, a atriz é representada visualmente de uma forma muito negativa (a foto nos mostra a atriz olhando para baixo, estressada, com a face contraída como se estivesse com dor, e consequentemente ‘velha’), apesar de haver um consenso geral que Stone é uma mulher muito bonita.

Esta foto é um exemplo de uma foto ‘oferta’ já que Sharon Stone não interage com o/a visor/a – a representação

semiótica significa distância. O cenário aponta para um ‘código de orientação *realis*’ – a cor é saturada e ‘acreditamos’ no que vemos. Só a metade do corpo é mostrada (cabeça até a cintura) e neste sentido, o corpo é fragmentado. Nesta recontextualização portanto, a imagem de Stone confirma a avaliação linguística negativa – ela é uma ‘velha porque é apresentada tanto verbal como visualmente como sendo assim.

Um exemplo semelhante é o de Michelle Pfeiffer, atriz do filme dirigido por Stephen Frears, *Chéri* (Maio de 2009). Pfeiffer interpreta Lea, uma cortesã aposentada, de meia-idade na Paris de 1910, apaixonada por um homem muito mais moço.



Fig.2

<http://news.bbc.co.uk/1/hi/entertainment/7886344.stm>

Sua imagem é descrita pela *BBC News* da seguinte maneira:

Esta é a história de uma linda mulher que tem medo que o envelhecimento termine com sua carreira (de sedutora). Mas é somente uma história. A estrela de Hollywood, Michelle Pfeiffer, *que completou 50 anos no ano passado*, está no auge de sua carreira.

De novo, ‘apreciação invocada’ está presente nesta asserção: *Apesar dela ter 50 anos*, “está no auge de sua carreira”. A imagem é mais uma vez, uma foto ‘oferta’, e portanto, não interativa.

Um último exemplo é o da famosa atriz inglesa Helen Mirren, representada da seguinte forma e da mesma forma avaliada:



Fig. 3

Estonteante HELEN MIRREN brilha num biquini minúsculo aos **SESSENTA E DOIS** anos!

The Sun, 10/3/2010.

Neste acaso, apesar da imagem ser ‘interpeladora’ e neste sentido mais positiva, a avaliação (ou apreciação invocada) nos remete mais uma vez à sua idade, implicando que uma mulher de 62 anos não poderia estar vestindo um biquíni

Estes exemplos, como muitos mais que encontramos na mídia diariamente, mostram que através da avaliação semiótica, a

mídia tende a avaliar ‘mulheres de uma certa idade’ não só negativa mas também de maneira derogatória.

Estilos de vida e mulheres ‘de uma certa idade’

‘Estilos de vida’ começam a substituir o conceito de ‘classe social’ e a identidade social como ‘estilo’ começa a se tornar um parâmetro cada vez mais central. As avaliações discutidas na sessão anterior, por exemplo, estão estritamente conectadas com a questão da aparência, celebridades, comodidades e tem a ver com ‘estilos de vida’.

Vivemos em tempos onde “... identidades de estilo de vida emergem das corporações que procuram novas maneiras de criar uma demanda de mercado”, de acordo com Moran (2006: 568). Pessoas são assim cada vez mais ‘comentadas’ em termos de seus estilos de vida ou de “psicográficos, conjuntos de comportamento, atitudes ou padrões de consumo” (Machin e Van Leeuwen 2007: 49).

Estilos de vida, de acordo com o sociologista David Chaney (1996), são “formas de identidade que são menos fixas que identidades tradicionais” (citado em Machin e Van Leeuwen 2007: 50), e tem uma ligação direta com bens de consumo.

Os corpos femininos tem sido e continuam sendo o

principal lócus de ‘coisificação’ e de ‘venda’ em discursos de tratamento do corpo, emagrecimento, manutenção da forma e cirurgia plástica. Não é de se estranhar, portanto, que estamos rodeados por discursos coercivos e normativos sobre o corpo (seja magra, seja linda, e acima de tudo, nunca envelheça, nunca decline). Revistas femininas, programas de televisão e jornais dedicam muito espaço para a questão de como se deve continuar jovem, pressionando mulheres incautas de meia idade a ‘comprar’ cada vez mais para não perderem sua juventude.

Os discursos procedimentais e discriminatórios de como uma mulher pode ou não pode fazer algo (por ser uma certa idade) estão em todos os discursos mediáticos. Considere os seguintes exemplos da mídia inglesa:

-Você não acha que mulheres com mais de 50 anos ficam um pouco estranhas com cabelo longo?

-Eu realmente penso que quando chegamos aos 40 anos, talvez devêssemos ter um corte de cabelo apropriado à nossa idade?

-Tudo depende de como uma mulher se ‘carrega’.
Algumas mulheres de uma certa idade não podem

mais ter uma boa aparência muito menos ter cabelo longo.

<http://uk.answers.yahoo.com/question/index?qid=200806061538>

[08AAvhlgc](#)

Estereótipos culturais fazem pressão para que mulheres se tornem obcecadas por sua aparência física. A enorme quantidade de dinheiro gasta todo o ano em maquiagem e dieta evidencia a ideologia que mulheres só têm valor enquanto são belas e jovem.

A literatura ubíqua sobre beleza aconselhando mulheres a serem atraentes é generalizada. Produtos contra o envelhecimento, Botox, e a cirurgia plástica prometem a fonte da juventude. Discursos persuasivos de transformação, o ‘antes e depois’, podem ser encontrados na mídia em geral (revistas, programas de TV, propaganda, artigos de jornal, etc.). A manipulação do corpo é portanto mais e mais constante e se tornou um tópico completamente naturalizado, já que faz parte dos discursos de estilo de vida.

O Brasil é um bom exemplo já que é o segundo país (só antecedido pelos Estados Unidos) líder no mundo da cirurgia plástica. Seus avanços tecnológicos são impressionantes e atualmente, é visitado por pessoas de todo o mundo que vem a

procura de transformação de seus corpos. As estatísticas fornecidas pela *Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica* atestam os seguintes dados comparativos para o ano de 2011:

Total de cirurgões plásticos	EUA – 5.950	Brasil – 5.024	Alemanha 863	Austrália 228
Total de cirurgias	1.094.146	905.124	187.193	40.427
Total procedimentos não cirúrgicos: Injetáveis, Rejuvenescimento Facial, outros	3.105.246	1447.213	455.296	108.124

Diagrama 1

Resultados da pesquisa da parceria da ISAPS (International Society of Aesthetic Plastic Surgery com a SBCP, 2011),

Fonte: www.advicecc.com

<http://www.info-cirurgioplastica.com/2009/06/pesquisa-datafolha-sobre-cirurgia.html>

Esses números apontam para uma nova prática social relacionada ao projeto do corpo, estilos de vida e o que Foucault (1988) chama de ‘tecnologias do ser’. Em outras palavras, sujeitos ativamente se constituem através de práticas que se tornam normalizadas, neste caso, a cirurgia plástica.

Giddens (1991:62) também mostra como o corpo é parte de uma “identidade auto-reflexiva ou um projeto em que se trabalha”. Ele diz que nossa aparência externa é “um indicador simbólico, uma maneira de se dar forma a narrativas de auto-identidade”.

Estudos recentes consideram o corpo como a expressão do agendamento e comprometimento humano – o corpo agora tem que ser visto como vivido pelo sujeito. Por exemplo Nick Crossley (2006: 18, 19) sugere que:

... o corpo tem se tornado, tanto em opinião como de fato, mais maleável na modernidade tardia. De mudança de comportamento à cirurgia cosmética, ao realinhamento sexual, o processo de modernização tem envolvido uma proliferação de meios de transformação corporal, removendo-se assim o que anteriormente eram atributos fixos e estáveis.

O agenciamento é portanto um elemento crucial na constituição de identidades. A manipulação ou transformação de corpos aponta para o projeto reflexivo de se administrar o ser. Este é um lado da questão.

O ser, no entanto está também sujeitos a regimes discursivos – o corpo feminino, pelo menos no Brasil, é idealizado como jovem, magro, e belo. Um certo tipo de corpo, que Pierre Bordieu (1991) chama de ‘corpo distinto’, é simbólico, cultural e até um capital econômico, como sugere a antropologista brasileira Mirian Goldenberg (2007). Este corpo marca a pessoa como superior e é conseguido através de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício.

Um exemplo deste corpo distinto no Brasil é o da super

modelo Giselle Bündchen. De acordo com a revista americana Forbes ela é uma das cem mais poderosas celebridades no mundo, por causa de seu corpo. Bündchen e o jogador de futebol Ronaldinho são os únicos brasileiros na lista. Ter o corpo distinto com toda a sua simbologia, dá às mulheres brasileiras uma conformidade a um estilo de vida e a um conjunto de normas de comportamento que as colocam num grupo social superior. Há uma crença que por se ter controle sobre o corpo, pode-se tornar um ser mais positivo – ser bela e atraente é uma fonte de certezas num mundo incerto.

De acordo com este discurso, se uma pessoa resiste ao envelhecimento ao trabalhar seu corpo, ela não é só fisicamente forte, mas também forte moral e mentalmente – o corpo disciplinado tem avaliação positiva na modernidade tardia. O ser, portanto, é um projeto a ser trabalhado e melhorado. Ironicamente, não há lugar para o cérebro na categoria do corpo distinto, ou pelo menos, nos discursos de ‘estilo de vida’ o cérebro nunca é mencionado.

Por um lado, sistemas de representação oferecem certidão ao estabelecer e dar segurança às identidades de ‘estilo de vida’. Por outro, podem também desestabilizar ou subvertê-las:

- se uma mulher for gorda, feia e ficando velha, os discursos

que de juventude e beleza irão afetá-la de alguma forma e a pressão para se transformar é constante;

- mulheres *devem* mudar (daí os discursos procedimentais das revistas femininas – ‘torne-se magra em 3 dias’, ‘tenha 10 anos em menos de uma semana’. Mulheres tem que investir dinheiro para conseguir tudo isto.

Os ‘psico-discursos (a narrativização do ser sob um ponto de vista psico-terapêutico) são muito populares especialmente em programas de televisão como o Britânico ‘How to look good naked’ do Channel 4 ou o brasileiro ‘Superbonita’, do canal GNT da Globo. Estes discursos incentivam a reflexão sobre o seu próprio ser, a relação entre o ser consigo mesmo através do incessante olhar reflexivo de exames minuciosos de si mesma. No entanto, os psico-discursos podem também causar crises – qual é o preço para se alcançar um estágio ideal?

Charles Cooley (1902) fala sobre o ‘ser que se olha no espelho’: imaginamos como outros nos vêem e também imaginamos o julgamento deste outro. Neste sentido, o ser é formado no contexto interacional e avaliativo de recursos de sentimentos, emoções, sanções estética e sociais (‘afeto’, ‘julgamento’ e ‘apreciação’ como sugere White, 2001). O espelho, no entanto, pode ser um problema para alguma

pessoas quando estas não se enquadram nos discursos procedimentais que estão ao seu redor. Assim, para se ter o corpo distinto, precisamos lutar. E metáforas de guerra estão presentes nestes discursos de auto-transformação. O léxico da guerra e do sofrimento está presente em narrativas de pessoas que fizeram cirurgia plástica.

Guerra	Sofrimento
arsenal conquista tragédia coragem disciplina consequências	cicatrizes cortes inchaço/dor recuperação áreas roxas necrose corpos deformados

Diagrama 2

No mundo da cirurgia plástica, qualquer parte do corpo pode ser ‘atacada’. A imagem apresentada na revista brasileira *Veja* “As novidades do arsenal” (a ser usado no corpo feminino, onde todas as partes assinaladas podem ser modificadas pela cirurgia) é uma ilustração deste ponto:

ESPECIAL

AS NOVIDADES NO ARSENAL

Novos produtos aumentam a eficácia das estratégias de ataque e também reforçam a defesa individual. Não é necessário reaparelhar o corpo.

BOCA

Tratamento completo com base em ácido hialurônico. Fortifica e hidrata a pele, tornando-a mais elástica. Também contém vitamina C para prevenir o envelhecimento precoce da pele.

Classificação: anti-idade, anti-rugas e anti-oxidação.

Resumo: 100 ml e R\$ 199,00.

Preço: de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil.

ROSTO

Tratamento completo, hidrata e revitaliza profundamente a pele, tornando-a mais firme e elástica. Também contém vitamina C para prevenir o envelhecimento precoce da pele.

Classificação: anti-idade, anti-rugas e anti-oxidação.

Resumo: 100 ml e R\$ 199,00.

Preço: de R\$ 3 mil a R\$ 27 mil.

NARIZ

Tratamento completo de preenchimento do nariz com ácido hialurônico. Também contém vitamina C para prevenir o envelhecimento precoce da pele.

Classificação: anti-idade, anti-rugas e anti-oxidação.

Resumo: 100 ml e R\$ 199,00.

Preço: de R\$ 9 mil a R\$ 9 mil.

SEIOS

Tratamento completo de preenchimento dos seios com ácido hialurônico. Também contém vitamina C para prevenir o envelhecimento precoce da pele.

Classificação: anti-idade, anti-rugas e anti-oxidação.

Resumo: 100 ml e R\$ 199,00.

Preço: de R\$ 3 mil a R\$ 9 mil.

GLUTEUS

Tratamento completo de preenchimento do glúteo com ácido hialurônico. Também contém vitamina C para prevenir o envelhecimento precoce da pele.

Classificação: anti-idade, anti-rugas e anti-oxidação.

Resumo: 100 ml e R\$ 199,00.

Preço: de R\$ 6.700 a R\$ 8.400, já em 10 por 30 parcelas, ou pode custar até R\$ 3.000.

DERMIS

Tratamento completo de preenchimento da derme com ácido hialurônico. Também contém vitamina C para prevenir o envelhecimento precoce da pele.

Classificação: anti-idade, anti-rugas e anti-oxidação.

Resumo: 100 ml e R\$ 199,00.

Preço: de R\$ 7 mil a R\$ 10 mil.

PANTUFURA

Tratamento completo de preenchimento da pantufura com ácido hialurônico. Também contém vitamina C para prevenir o envelhecimento precoce da pele.

Classificação: anti-idade, anti-rugas e anti-oxidação.

Resumo: 100 ml e R\$ 199,00.

Preço: de R\$ 5.300 a R\$ 9 mil.

LÍPDIOS

Tratamento completo de preenchimento dos lábios com ácido hialurônico. Também contém vitamina C para prevenir o envelhecimento precoce da pele.

Classificação: anti-idade, anti-rugas e anti-oxidação.

Resumo: 100 ml e R\$ 199,00.

Preço: de R\$ 6.000 a R\$ 12 mil.




Fig. 4 www.veja.com.br

Revistas anunciando programas de ginástica também apresentam o mesmo discurso de guerra, onde os itens lexicais como ‘ataque’ e ‘combate’ são frequentes. A imagem abaixo mostra os corpos em posição de ‘ataque’ e ‘combate’:

 <p>BODYATTACK Para torrar 800 calorias em 60 minutos de muita diversão.</p>	 <p>BODYBALANCE Para curtir o melhor do Yoga e Pilates, com música e emoção.</p>	 <p>BODYCOMBAT Para socar e chutar na aula mais agitada das academias.</p>
 <p>BODYJAM Para ensaiar passos simples e divertidos, sem nenhuma complicação.</p>	 <p>BODYPUMP Para buscar força, postura e tônus muscular na aula mais famosa do planeta.</p>	 <p>RPM Para loucos por ciclismo e para loucos por aniquilar calorias.</p>
 <p>BODYSTEP Para fortalecer pernas e glúteos, cuidando do coração.</p>	 <p>POWERPOOL Para quem duvida que as aulas de hidro podem ser alucinantes.</p>	<p>Body Systems #ElevandoNívelAgenda</p> <p>Faça como 1.000.000 de brasileiros que adoram nossas aulas.</p> <p>Entre em nosso site e escolha já uma das melhores academias do Brasil.</p>
<p>www.bodysystems.net</p>		

Fig. 5 www.bodysystem.net

Há uma suposição em discursos de ‘estilo de vida’ que o trabalho corporal e a cirurgia estética podem transformar pessoas (para melhor). Algumas vezes no entanto, a transformação pode ser tão drástica e o resultado é que essas pessoas se tornam caricaturas de si mesmo. Há um grande

exemplo de atrizes famosas que ilustram este fato. São estas pessoas que como consequência de intervenções se tornam deformadas, a materialização do que Donna Haraway (1991) chama de projeto *Cyborg* (o corpo tecnológico). Por um lado pode-se arguir que mulheres que manipulam seus corpos estão ativamente envolvidas na constituição de suas próprias identidades e isto lhes dá bastante poder. Por outro, quando as intervenções saem errado (o caso de Michael Jackson, por exemplo), quem é culpado? Devemos começar a resistir ao projeto *Cyborg*?

Concluindo:

A definição institucional de idade depende de profissão e grau – oficiais de polícia devem se aposentar, na Inglaterra, por exemplo entre 45/50 anos, a não ser que estejam em posições superiores. Nestes casos, há uma clara oposição entre corpo e mente. Professores/as universitários/as entre, 68 e 70 anos, Membros no Parlamento e juízes, podem se aposentar depois dos 70 ou até 80 anos, e em alguns casos, papéis institucionais podem continuar até o fim da vida (papa, reis e rainhas). Estes exemplos mostram que relações de poder também definem idade.

Em tempos pós-feministas, o corpo feminino continua a

ser coagido por discursos de poder e domínio – a luta contra se tornar velha mas tentando ainda ‘aparecer’ jovem e bela. Muitas mulheres pós-menopausa apresentam e administram seus corpos de acordo com discursos procedimentais que informam valores consumistas – a juventude e a beleza podem ser compradas. Ao manipular, transformar e muitas vezes mutilar seus corpos, elas mediam a relação entre sua auto-identidade, sua identidade social e a manutenção de um imagem idealizada é construída, eu sugiro, através de sofrimento. Como De Francisco e Palczewski sugerem (2007: 104) “mais de 35 anos após os protestos dos soutiens, é claro que muitos dos desafios dos movimentos feministas tornaram-se realidade e produziram novas normas” – mas também, como contrapartida, a manipulação de corpos se tornou uma norma através da naturalização de ‘estilos de vida’ discursivos. Assim, expostas a discursos conflitantes, mulheres se tornam instáveis e problemáticas: biologicamente estão ficando velhas, mas desesperadamente lutam para se manter jovens, como, possivelmente, as jovens mulheres que atraem seus parceiros também envelhecidos.

O discurso oposto ao discurso de juventude é que “a meia idade não é um ponto de entrada para o declínio mas uma oportunidade para mudanças positivas e renovação”.

(Hepworth 2003: 102). Porque o declínio é construído como narrativa, a rota de escape não pode ser através da modificação de corpo em processos de transformação (o corpo *Cyborg*), mas através de narrativas alternativas de um ser liberado.

Na verdade, a maioria de mulheres entrevistadas para este trabalho afirma que seu momento de vida (nos seus 50, 60 70 anos) é positivo. Abaixo, algumas das respostas à pergunta “Quais as maneiras que você sentiu a transição dos 50 para 60, ou 60 para 70?”

Sinto (passando dos 50 para os 60) esta passagem na forma que vejo o mundo, em minhas maneiras de pensar e agir – mais segura, objetiva e subjetiva, e me parece que agora atingi completa maturidade. (Rosa, 63).

Meu corpo se transformou visivelmente, não somente em aparência. Mas não me sinto rejeitada ou frustrada. (Ivana, 64)

Acho que minha idade me fornece liberdade para pensar, agir e me sentir mais independente dos julgamentos de outras pessoas. Olhando para trás, sente-se que o tempo passou e que temos que

aproveitar o que nos resta positivamente. (Lilian, 56)

Sou agora uma vovó muito orgulhosa e muito mais sábia. (Vera, 59)

Durante as décadas dos 50 aos 60 anos, posso dizer que houve transformações profundas em minha vida (para melhor) de um ponto de vista bio e psicológico – me divorciei e libertei minha sexualidade, meu erotismo que tinha sido reprimidos pelos 28 anos de casamento. Sinto me muito mais feliz agora aos 70 anos.

Ao contrário das representações da mídia, as mulheres entrevistadas valorizam seus cérebros e sentimentos e seu posicionamento é muito positivo. Suas vozes deveriam ser mais ouvidas não só em discursos privados, mas também em discursos públicos como os da mídia. Infelizmente, o ponto de vista sobre o envelhecimento de acordo com Margaret Gullette e com minhas entrevistadas – como um processo biológico contínuo de regeneração e renovação, não é levado em consideração nos discursos públicos medicalizados e na sociedade consumista de ‘estilos de vida’. É muito trabalho

ainda deve ser feito para desconstruir os preconceitos contra mulheres de uma certa idade.

Em conclusão, cito a ganhadora do Prêmio Nobel de Medicina, a italiana Dr. Rita Levi Montalcine, que morreu em 30 de dezembro de 2012 com 103 anos de idade. Recebeu o Nobel quando tinha 77 anos. Disse: “Meu cérebro passará dos 100 anos e não sofre de senilidade. O corpo se enrugou, não pude evitá-lo, mas meu cérebro não.”



Fig. 6

http://nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1986/levi-montalcini-interview.html

Referências

- Bourdieu, Pierre 1991. *Language and symbolic power*. Boston: Harvard University Press.
- Chaney, David 1996. *Lifestyles*. London: Routledge.
- Cooley, Charles Horton 1902. *Human nature and the social order*. New York: Scribner's.
- Crossley, Nick 2006. *Reflexive embodiment in contemporary society*. Milton Keynes: Open University Press.
- De Francisco, Victoria Puin e Catherine Helen Palczewski 2007. *Communicating gender diversity*. Los Angeles: Sage Publications.
- Foucault, Michel 1988. Technologies of the Self. In *Technologies of the self: A seminar with Michel Foucault*, editado por Luther H. Martin, Huck Gutman, Patrick H. Hutton and Michel Foucault, 16-49. Boston: University of Massachusetts Press.
- Gibson, Magy 2004. *Wild women of a certain age*. Edinburgh: Chapman Publishing acessado em: http://www.chapman-pub.co.uk/book_details_wild_women_of_a_certain_age.php
- Giddens, Anthony 1991. *Modernity and self-identity in the Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press.
- Goldenberg, Mirian 2007. *O Corpo como Capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Gullette, Margaret 1997. *Declining to decline: Cultural combat and the politics of the midlife*. Charlottesville: University of Virginia Press.
- Halliday, M. A. K. 1978. *Language as social semiotic*. London: Edward Arnold.
- Haraway, Donna 1991. A cyborg manifesto: Science, technology, and socialist- feminism in the Late Twentieth Century. In *Simians, Cyborgs and Women: The reinvention of nature*. New York: Routledge.
- Hepworth, Mike 2003. Ageing bodies: Aged by culture. In

- Discourse, the body, and identity*, editado por Justine Coupland and Richard Gwyn, 89-106. Basingstoke: Palgrave.
- Kiernan, Patrick 2008. Deconstructing narrative identity in ELR: An analysis of teacher interaction in Japanese and English. Tese de PhD, University of Birmingham.
- Kress, Gunther e Theo Van Leeuwen 1996. *Reading images: The grammar of visual design*. London: Routledge.
- Kress, Gunther e Theo Van Leeuwen 2001. *Multimodal discourse*. London: Arnold.
- Machin, David e Theo Van Leeuwen 2007. *Global media discourse*. London: Routledge.
- Martin, James. R. e Peter. R. R. White 2005. *The language of evaluation: Appraisal in English*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Moran, Joe 2006. Milk bars, Starbucks and the uses of literacy. *Cultural studies* 20 (6): 552-573.
- Trew, Tony 1979. Theory and ideology at work. In *Language and control*, editado por Roger Fowler, Bob Hodge, Gunther Kress e Tony Trew, 94-116. London: Routledge e Kegan Paul.
- Vološinov, V. N. 1986. *Marxism and the philosophy of language*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- White, Peter. R. R. (2001) *Appraisal: An overview*. Available at: <http://www.grammatics.com/appraisal/index.html> [Acessado 02 Junho 2009]

Notas

¹ Este capítulo é uma versão do capítulo ‘Women of a Certain Age’ – Life Styles, the Female Body and Ageism”. IN Janet Holmes and Meredith Marra (orgs.) *Feminity, Feminism and Gendered Discourse*, Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars, 2010, pp. 21-40.

² Todas as citações provêm de textos em língua inglesa e a tradução é

minha.

ⁱⁱⁱ Esta pesquisa foi feita, em grande parte na Inglaterra, mas também no Brasil. Os exemplos de análise de corpus serão mantidos em Inglês por serem do British National Corpus, um corpus de 100 milhões de palavras em língua inglesa acessável em

<http://www.natcorp.ox.ac.uk/>.

As entrevistas foram feitas no Brasil.